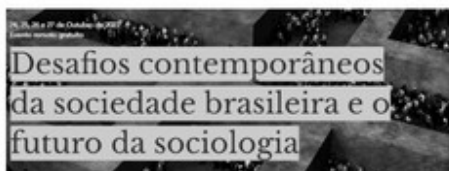


**GT05 – Imigrações internacionais contemporâneas: novas abordagens
teóricas e metodológicas e novos recortes empíricos e temáticos**

**Migrantes internacionais no Brasil e a ambivalência
hospitalidade-hostilidade**

Juliana Carvalho Ribeiro (NEPO-UNICAMP)
Rosana Baeninger (NEPO-UNICAMP)



Migrantes internacionais no Brasil e a ambivalência hospitalidade-hostilidade

Juliana Carvalho Ribeiro¹
Rosana Baeninger²

Resumo

Este estudo tem como questão central o acolhimento de migrantes internacionais e refugiados no Brasil a partir do conceito de “hospitalidade” de Jacques Derrida. O autor demonstra que ao ato da “hospitalidade” emerge, como resposta social, a hostilidade frente ao outro — visto como estranho e, portanto, como ameaça. O presente estudo volta seu olhar para o Brasil e examina os limites de alcance de uma acolhida sustentada no reconhecimento e na aceitação do outro. A realidade de migrantes e refugiados no País é permeada, conforme revelado nas entrevistas qualitativas realizadas, pela imposição da assimilação, por relações assimétricas nas interações sociais, pela restrição de direitos, pela insuficiência e imprecisão das informações fornecidas a esses sujeitos, bem como pelo xenorracismo que se apresenta nas mais variadas formas. Agravando esse rol de dificuldades, a pandemia de COVID-19 se impõe.

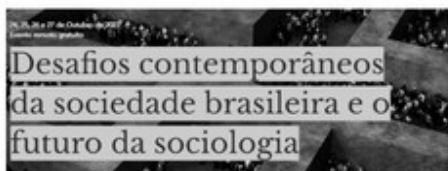
Palavras-chave: Imigração; hospitalidade; Pandemia; Brasil.

Resumen

Este estudio se centra en la acogida de los migrantes y refugiados internacionales en Brasil a partir del concepto de "hospitalidad" de Jacques Derrida. El autor demuestra que al acto de "hospitalidad" surge, como respuesta social, la hostilidad hacia el otro, visto como un extraño y, por tanto, como una amenaza. El presente estudio dirige su mirada a Brasil y examina los límites de una recepción sustentada en el reconocimiento y la aceptación del otro. La realidad de los migrantes y refugiados en el país está impregnada,

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutoranda em Demografia pelo Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO-UNICAMP). Pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP).

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Sociologia pela UNICAMP. Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. Pós-Doutora (Estágio Sênior) na Universidade da Califórnia, Davis (2014-2015). Coordenadora do Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO-UNICAMP), Professora Aposentada-Colaboradora do Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP).



según se desprende de las entrevistas cualitativas realizadas, por la imposición de la asimilación, por las relaciones asimétricas en las interacciones sociales, por la restricción de derechos, por la información insuficiente e imprecisa que se proporciona a estos sujetos, así como por el xenoracismo que se presenta de diversas formas. Agravando esta lista de dificultades, se impone la pandemia de COVID-19.

Palabras clave: Inmigración; Hospitalidad; Pandemia; Brasil.

Abstract

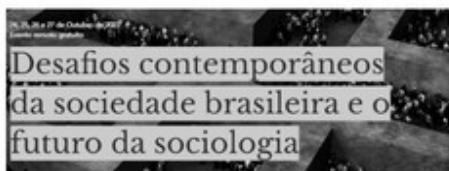
The central issue of this study is the welcoming of international migrants and refugees in Brazil based on Jacques Derrida's concept of "hospitality". The author demonstrates that to the act of "hospitality" emerges, as a social response, hostility towards the other - seen as a stranger and, therefore, as a threat. The present study turns its gaze to Brazil and examines the limits of a reception sustained by the recognition and acceptance of the other. The reality of migrants and refugees in the country is permeated, as revealed in the qualitative interviews conducted, by the imposition of assimilation, by asymmetrical relations in social interactions, by the restriction of rights, by insufficient and imprecise information provided to these subjects, as well as by xenoracism in the most varied forms. Aggravating this list of difficulties, the pandemic of COVID-19 imposes itself.

Keywords: Immigration; Hospitality; Pandemic; Brazil.

Introdução

Este estudo busca, a partir do conceito de hospitalidade de Derrida (2003), analisar o acolhimento de migrantes internacionais e de refugiados no Brasil. Como parte de uma pesquisa mais ampla³, extraímos a questão da hospitalidade diante das narrativas expostas por sujeitos da pesquisa — migrantes internacionais e refugiados residentes em diferentes regiões do País.

³ Pesquisa “Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe: Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”, Boston College, 2021. Ela é apresentada de forma mais detalhada na próxima sessão, junto à metodologia.



Para Derrida (2003), a hospitalidade não se refere à “convivência tolerante”, pois deve haver, neste conceito, o processo de reconhecimento e aceitação do outro no ato de acolher, e não a imposição da assimilação. Contudo, a experiência cotidiana vai revelar o que o autor reforça como a forte ambivalência da hospitalidade e da hostilidade:

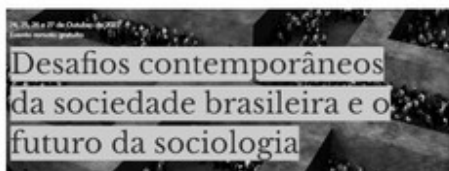
[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós? (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 15).

O autor demonstra que ao ato da “hospitalidade” emerge, como resposta social, a hostilidade frente ao outro, ao estranho, ao ameaçador. Mesmo vencida muitas barreiras para a permanência de migrantes e refugiados na sociedade receptora — em especial, com a documentação —, esta ambivalência se manifesta nas fronteiras que permanecem diante do outro, nas relações assimétricas das interações sociais, na limitada abertura para o outro, no restrito direito de ser bem-vindo. Nesse sentido, as análises das entrevistas realizadas com migrantes internacionais e refugiados no Brasil possibilitam apreender as dificuldades em romper com esta hospitalidade que rege a permanência desses sujeitos no País.

Métodos e técnicas

O presente estudo é um desdobramento de um projeto maior — o projeto “Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe: Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”⁴,

⁴ Esse projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Boston College em 29 de julho de 2021.



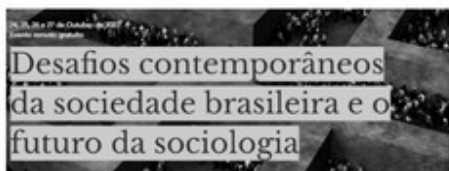
encomendado pelo Boston College e pelo Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados (SJMR) —, executado por 17 instituições de pesquisa e ensino das Américas. No Brasil, ele ocorreu no âmbito da já consolidada parceria entre o Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO-UNICAMP) e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). O objetivo principal da pesquisa consisti em oferecer recomendações que pudessem contribuir na identificação de estratégias de ações e de incidência, com o fim de aperfeiçoar os atendimentos prestados pela Rede Jesuíta com Migrantes da América Latina e Caribe.

Dentre os diversos procedimentos metodológicos adotados, destaca-se o processo de escuta que envolveu migrantes e refugiados atendidos pelos escritórios. Foram aplicadas — de forma remota, via WhatsApp — 51 entrevistas semiestruturadas — 16 em Boa Vista-RR, 07 em Manaus-AM, 08 em Porto Alegre-RS, e 20 em Belo Horizonte-MG — com migrantes e refugiados provenientes da Venezuela, de Gana, de Cuba e do Haiti. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Neste estudo, recorre-se a elas para analisar o acolhimento de migrantes internacionais e refugiados no Brasil a partir do conceito de hospitalidade de Derrida (2003). Trechos destas entrevistas são aqui citados, sustentando a reflexão e o debate propostos. É importante destacar que as transcrições respeitaram as verbalizações, tendo sido realizadas de forma literal e direta. Todos os interlocutores receberam nomes fictícios e tiveram suas identidades preservadas. O gênero das pessoas entrevistadas também foi respeitado. Todas as informações sobre elas são fidedignas.

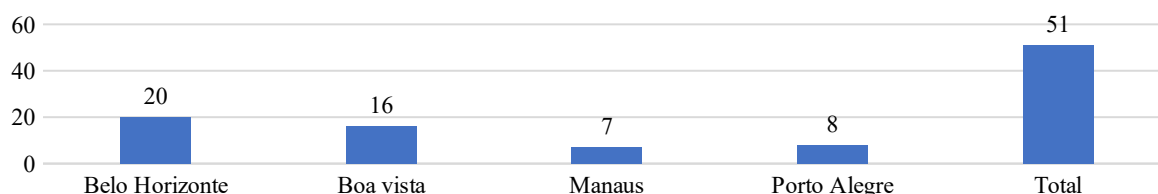
Perfil dos participantes da pesquisa

No Brasil, as entrevistas contaram, conforme mencionado nos procedimentos metodológicos, com 51 respondentes. A maior parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 20 deles, ou 39,22% — localizava-se em Belo Horizonte-MG. Em Boa Vista-RR, localizavam-se 16



deles, ou 31,37%; em Porto Alegre-RS, 08 dos entrevistados, ou 15,69%; e, em Manaus-AM, 07, ou 13,72% do total (Gráfico 1).

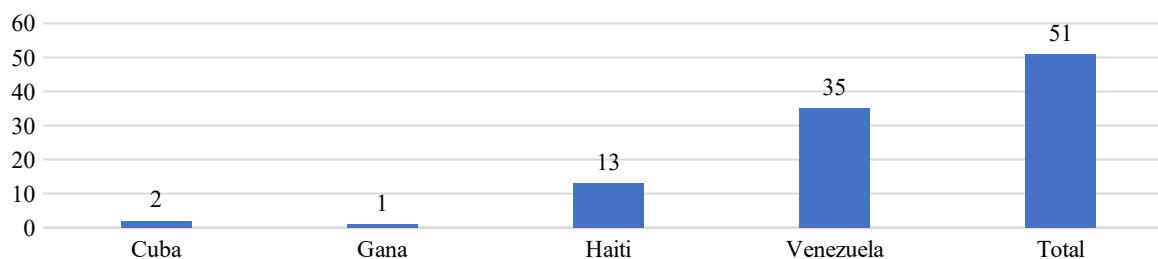
Gráfico 1. Município de ubicación de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Além disso, as entrevistas empreendidas no Brasil alcançaram imigrantes e refugiados provenientes de quatro países. A maior parte deles — 35 dos 51, ou 68,63% — indicou a Venezuela como país de origem. 25,49% dos entrevistados — ou 13 deles — indicaram o Haiti como país de origem. 2 dos entrevistados disseram ser provenientes de Cuba — 3,92% do total — e 1 indicou Gana como país de origem — 1,96% do total (Gráfico 2).

Gráfico 2. País de origen de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

A estrutura etária dos entrevistados é majoritariamente adulta e feminina. Na faixa entre 30 e 34 anos se concentra a maior parte deles: 27,45% — ou 14 dos 51, sendo 8 do sexo feminino e 6 do masculino. 13,73% — ou 7 dos 51, sendo 5 do sexo feminino

e 2 do masculino — ocupam a faixa dos 35 a 39 anos. Também importante é a faixa dos 50 a 54 anos, que representa outros 13,73% — ou 7 dos 51, sendo 6 do sexo feminino e 1 do masculino. Essas três faixas etárias juntas correspondem a 54,91% dos entrevistados (Gráficos 3 e 4).

Gráfico 3. Estructura por edad y género de los migrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación

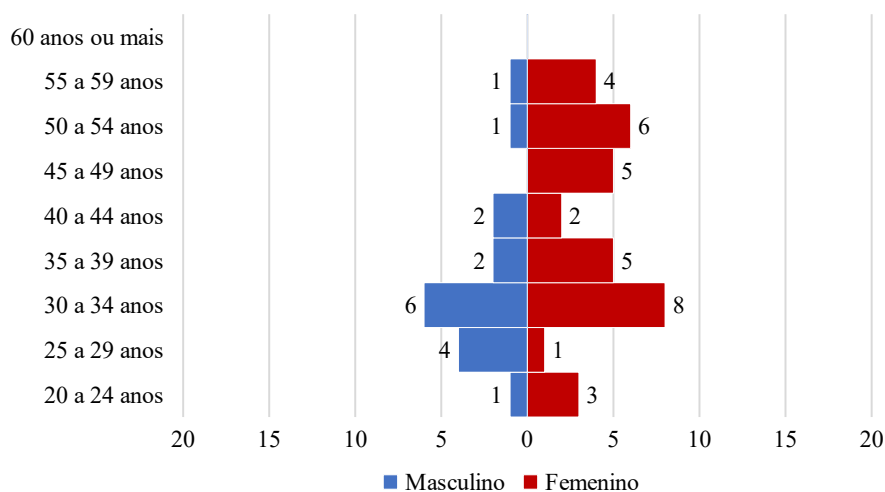
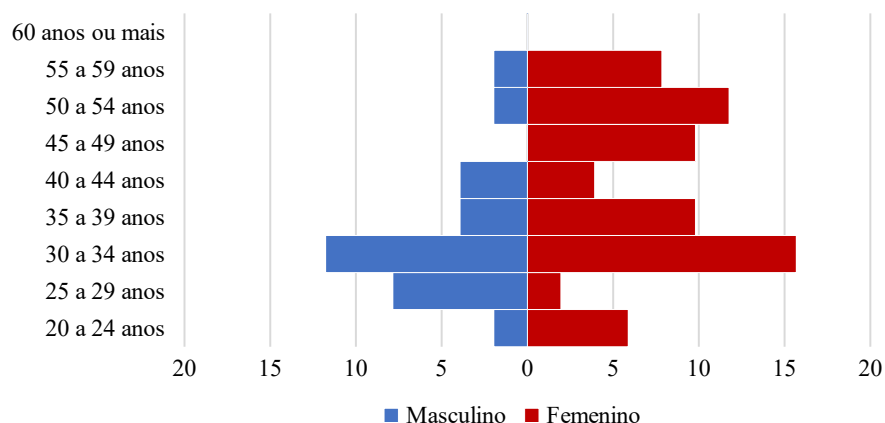


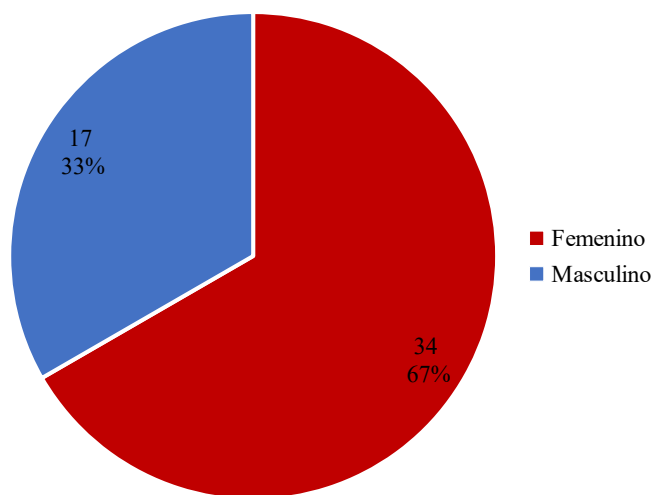
Gráfico 4. Distribución relativa de la estructura de edad y por género de los migrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

A maior parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 34 dos 51, ou 67% do total — se identificaram com o gênero feminino. Os demais — 17 dos 51, ou 33% — se identificaram com o gênero masculino (Gráfico 5).

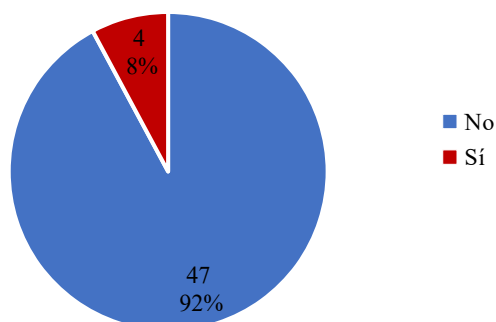
Gráfico 5. Género de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Quando questionados se são LGBTQIA+, a maior parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 47 dos 51, ou 92% do total — negou. Os demais — 4 dos 51, ou 8% do total — se identificaram como LGBTQIA+ (Gráfico 6).

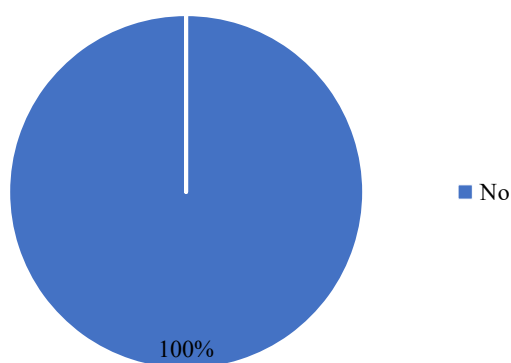
Gráfico 6. Identificación LGBT de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Quanto ao pertencimento a un grupo indígena, todos os imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa negaram este vínculo (Gráfico 7).

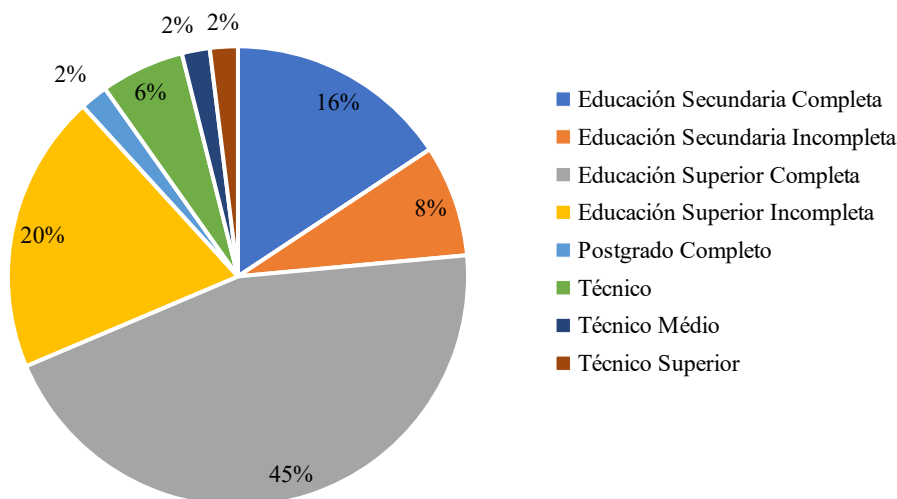
Gráfico 7. Identificación de la pertenencia a un grupo indígena de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

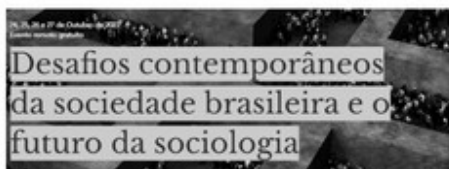
Quando questionados acerca do nível de formação, grande parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 45% do total — alegou possuir educação superior completa. 19%, por sua vez, não completaram esta etapa e alegaram possuir educação superior incompleta. 16% indicaram possuir educação secundária completa e 8% não concluíram esta etapa, indicando possuírem educação secundária incompleta. 6% do total alegaram possuir formação técnica. Uma minoria, apenas 2% dos entrevistados, alegou possuir pós-graduação completa (Gráfico 8).

Gráfico 8. Nivel de formación de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Pelo fato de mais de metade dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa não possuírem educação superior completa, não há informação sobre a área de formação desses sujeitos — 29 dos 51, ou 56,86% do total não apresentaram informação acerca da sua área de conhecimento. 2 dos 51 entrevistados indicaram formação em Educação. Outros 2 indicaram em Enfermagem.



Os demais apontaram como área de conhecimento: Administração, Administração financeira, Análises Clínicas, Ciência da Informação e Administração, Contadoria Pública, Direito, Educação Especial, Farmácia, Jornalismo e Fotografia, Línguas (Inglês), Manutenção Mecânica Industrial, Mecânica, Medicina, Psicologia e Ciências Sociais, Publicidade, Recursos Humanos, Secretaria, e Segurança do Trabalho — cada uma dessas áreas foi apontada por 1 entrevistado (Tabela 1).

Tabla 1. Área de conocimiento de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación

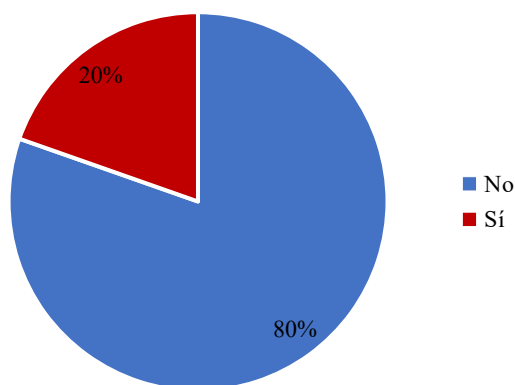
Área de formación	Registros
Sin información	29
Educación	2
Enfermería	2
Administración	1
Administración Financiera	1
Análisis Clínicas	1
Ciencia da Información e Administración	1
Contaduría Pública	1
Derecho	1
Educación Especial	1
Farmacia	1
Jornalizo e Fotografia	1
Lenguas - inglés	1
Manutención Mecánica Industrial	1
Mecánica	1
Medicina	1
Psicología e Ciencias Sociales	1
Publicidad	1
Recursos Humanos	1
Secretaria	1
Seguridad do Trabajo	1
Total	51

Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Quando questionados se já experimentaram discriminação ou perseguição no passado por sua raça, etnia ou cor de pele, a maior parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 80% do total — alegou não ter essa experiência. Os demais 20%, por sua vez, alegaram ter

experimentado discriminação ou perseguição no passado por sua raça, etnia ou cor de pele (Gráfico 9).

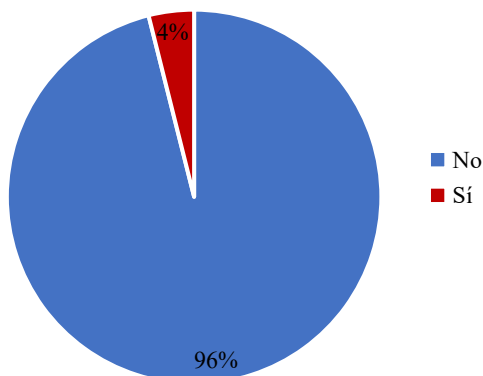
Gráfico 9. Experiencia con la discriminación o la persecución en el pasado por motivos de raza, etnia o color de piel por parte de los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación



Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Quando questionados se já experimentaram discriminação ou perseguição no passado por ser parte de um grupo de minorias sexuais, quase a totalidade dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 96% do total — alegou não ter essa experiência. Os demais 4% — mais especificamente os entrevistados que se declararam LGBTQI+ — alegaram ter experimentado discriminação ou perseguição no passado por ser parte de um grupo de minorias sexuais (Gráfico 10).

Gráfico 10. Experiencia con la discriminación o la persecución en el pasado por formar parte de grupos sexuales minoritarios, entre los inmigrantes internacionales atendidos por la Red Jesuita - Brasil y entrevistados en la investigación

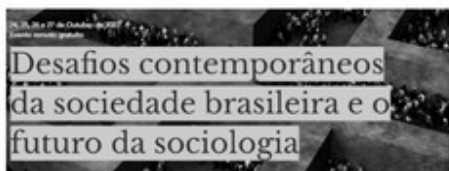


Fuente: Pesquisa “Realidades, Perspectivas y Retos para el Acompañamiento de Poblaciones en Contextos de Movilidad”- Red Jesuita con Migrantes - Latinoamérica y el Caribe/ PUCMINAS/ Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP.

Resultados

Este estudo destaca o acolhimento de migrantes internacionais e refugiados no Brasil, a partir da leitura de entrevistas qualitativas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Segundo relato de interlocutores da pesquisa, migrantes e refugiados percebem, em diversas e frequentes oportunidades cotidianas, o tom discriminatório nas relações que estabelecem com a sociedade brasileira: sentem-se tratados como *estrangeiros-estranhos*, como *outro*, como ameaça à segurança e à soberania nacional. A ambivalência hospitalidade-hostilidade (Derrida, 2003) pode ser analisada a partir da exposição de situações nas quais o xenorracismo⁵ revela-se evidente. Esta prática permeia a vida de migrantes e refugiados desde o cruzamento da fronteira, em especial pela origem de

⁵ Para aprofundar no conceito de *xenorracismo*, buscar a tese de doutorado de Oliveira (2019). Nela, a autora o discute amplamente — inspirada em Sivanandan (2001) e Fekete (2001), referências na luta pelos direitos migrantes na Europa — e o traz para a realidade brasileira.



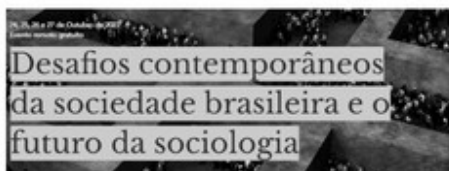
países periféricos (Basso, 2003), esses sujeitos são tomados, frequentemente, como potenciais a perturbar a ordem. A hospitalidade incompleta (Derrida, 2003) se manifesta, nesse contexto, em diferentes aspectos que são intrínsecos à vida imigrante. As entrevistas qualitativas permitiram identificar os seguintes aspectos da hos(til)pitalidade (Derrida, 2003) apontados a seguir.

Documentação

A Nova Lei de Migração — a Lei nº 13.445/2017 —, e o Estatuto do Refugiado (Lei nº 9474/1997) possibilitam a permanência documentada no Brasil, amparo inexistente no Estatuto do Estrangeiro⁶. Apesar dos inegáveis avanços obtidos na documentação de imigrantes e refugiados/refugiadas no país, há ainda o caráter retrógrado das ações que permeiam a migração internacional para o Brasil. Essa realidade é agravada pela falta de informação: quando questionados acerca do que sabiam em termos de regularização antes de iniciarem seu processo migratório, a maior parte dos imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa — 59% do total — indicou que não sabia nada. 35% do total disseram saber um pouco a respeito. 4% consideravam saber mais do que um pouco e 2% declararam dominar o assunto.

Questionou-se se os imigrantes internacionais atendidos pela Rede Jesuíta no Brasil e entrevistados pela pesquisa receberam informações acerca das opções de regularização migratória para compreenderem as diferenças entre elas e poderem fazer a sua escolha. 24 dos 51 participantes — ou 47,06% do total — disseram que receberam, sim, informações. 16 — ou 31,37% do total —, ao contrário, disseram que não receberam informações. 3 — ou 5,88% do total — disseram não lembrar se receberam ou não

⁶ “Antes da Lei de Migração, encontrava-se em vigor a Lei nº 6.815/80. Denominada Estatuto do Estrangeiro, contemplava condições de âmbito jurídico desde a definição quanto à permanência e proteção dos estrangeiros no território brasileiro, tendo como fundamento a segurança nacional. A partir da constituição de 1988, o entendimento começa a propor uma nova sistemática, consolidando-se posteriormente com a nova Lei de Migração” (AMARAL; BAÍS; SILVA, 2020, p. 312-313).



informações, e 8 dos entrevistados — ou 15,69% do total — não souberam responder a esta questão.

Relatos dos interlocutores da pesquisa explicitam a hos(til)pitalidade no processo de entrada e no fornecimento de informações, sobretudo no que diz respeito às opções de regularização migratória:

Na verdade, ninguém fala certo da condição do migrante. Eles só perguntam se você quer refúgio ou residência. Mas ninguém explica nada. Nem que diferença tem entre um e outro. Isso é refugiado, isso é migrante... Ninguém explica não... A gente não conhece os direitos do refugiado. Só tem o documento de residência. E eles não conhecem seus direitos (Imigrante venezuelano residente em Boa Vista-RR).

A gente tinha muita falta de informação. Quando chegamos aqui ganhamos solicitante de refúgio. Eu queria ficar assim, porque falaram que com o refúgio eu podia estudar, mas quando fui na Federal já não podia (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Solo dijeron que tendría que optar por el refugio y que después de dos años cambiaría a la mejor opción de residencia temporal (Imigrante venezuelano residente em Manaus-AM).

Eles me falaram de refugiado, que era por tema político, ou residente (Imigrante cubano residente em Belo Horizonte-MG).

Na PF, eles queriam o caminho mais fácil para eles, que era a situação de residência. Eu fiz essa porque me dava proteção internacional e porque eu não quero ser deportado (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

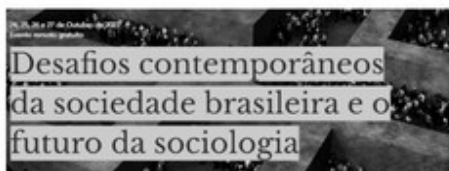
No recibí información de nada, nada, nada. (Imigrante venezuelano residente em Boa Vista-RR).

Não. Só lembro da palavra refúgio. Quando eu cheguei, não tava esse negócio de residência. Ou eu não lembro... (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Ninguém informou nada (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Não explicaram nada (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Lo peor fue llegar aquí porque, al principio, no nos dejaban entrar, porque los niños no tenían pasaporte. En ese momento, la entrada a través de la



frontera también requería los pasaportes de los niños, y eso era un problema
(María — venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Esta queixa se estende para além da recepção desses sujeitos na fronteira, chegando até o momento da renovação dos documentos com fins de regularização da situação migratória, o que é extremamente grave, considerando que a regularização se apresenta como via para minimizar a vulnerabilidade dos sujeitos da pesquisa:

Eu não estava muito clara e não havia outra [opção]. [...] falaram pra fazer assim e pronto. Agora tem um pouco de confusão porque eu não sei... Parece que agora tenho que fazer uma de 9 anos. Mas não tenho muito claro isso...
(Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

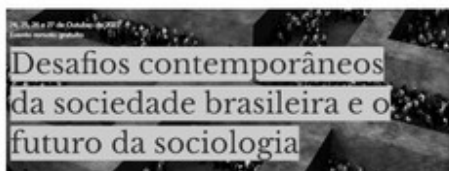
À princípio, eu no sabia que a gente no pagava e paguei por la residencia permanente. 400 reais a GRU. Esse dinero ficou aí na Policia Federal. Cuatrocentos e poco (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Esta era la única opción porque a outra que tiene é se você no tiene carteira assinada, te dão por dos años, pero como eu trabajava com carteira assinada, me dierón de 9 años e para mi esposo también e meus filhos también
(Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

Eu não tenho nenhuma informação sobre isso até agora... (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Xenorracismo

A percepção de situações xenorracistas é relevante entre os participantes da pesquisa: 20% dos entrevistados alegaram ter experimentado discriminação ou perseguição por sua raça, etnia ou cor de pele; 23% dos participantes alegaram ter dificuldades para se sobressair no trabalho por serem migrantes internacionais, mais especificamente, pela sua origem, o que se reflete como um possível desdobramento da realidade xenorracista do Brasil; e 37% dos participantes se vêem frequentemente criticados por brasileiras e brasileiros.



Relatos de preconceitos em situações cotidianas foram frequentes. Diante de manifestações xenorracistas e homofóbicas, a permanência de imigrantes e refugiados em terras *estrangeiras-estranhas* requer resistência e a necessidade de interações sociais com a nova sociedade:

Vivo muita humilhação, me olham como cachorro [...]. Não estou trabalhando porque passo muita coisa feia. Tenho medo de trabalhar aqui e viver isso de novo (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Só aqui no Brasil [que passei a sofrer com preconceitos] porque tem lugares que eu trabalho que fazem muita discriminação com estrangeiro, com haitiano. Até saí do meu último emprego por isso. Eu vim aqui no Brasil e tem algumas pessoas aqui no Brasil que é racista. Com pessoas negras (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Sufri preconceito. Bueno, porque, como te dije, no estoy en mi país, tengo que acostumbrarme a la cultura de aquí, tengo que aprender más, y como no estoy en mi país, tengo que vivir con todo eso” (Imigrante haitiana residente em Boa Vista-RR).

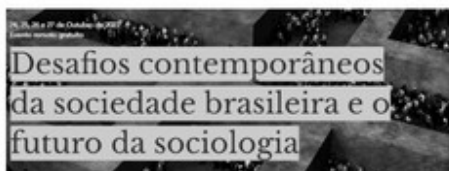
Eu vou falar sobre o povo do Haiti. A gente é negro, é um povo negro e a gente é humilhado em todos os lugares por isso. Tem algumas pessoas do país que está passando por situações ilegal e a maneira que tratam os haitianos é diferente de, por exemplo, dominicanos e venezuelanos, que não é negro. Haiti é pobre de verdade, mas todos os lugar do mundo tem pobreza. E fazem isso com Haiti. Não falam nem uma parte boa desse país, do Haiti, por causa que a gente é negro. Porque a raça negra às vezes nem tratam como humano (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Porque Manaus no tenía mucha ayuda y había mucha discriminación, pero yo tenía que salir a la calle a vender, muchas veces vendían, a veces no (Imigrante venezuelana residente em Porto Alegre-RS).

En Manaus me sentí un poco dividido por la sociedad [...]. Allí nos miran feos. No nos sentimos bien. También en Boa Vista vivía en la calle (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

[...] há muita discriminação a pessoas gays. Aqui é um pouco melhor, mas ainda sofremos por sermos minorias. Gay, imigrante... (Imigrante cubano residente em Belo Horizonte-MG).

Soy LGBT y nosotros somos discriminados. El grupo LGBTI. Somos personas discriminadas (Imigrante venezuelano residente em Porto Alegre-RS).



Hierarquia das nacionalidades

Quando a reflexão coube a autopercepção comparada com outras nacionalidades, uma importante parcela dos entrevistados — 27% deles — se vêem tratados de forma pior quando comparados a outros migrantes. Luna grifa que o preconceito não se restringe à esfera civil-individual, afirmando que sua nacionalidade é preterida em políticas públicas, bem como em atendimentos de organizações não-governamentais (ONGs) voltadas para o acolhimento de migrantes e refugiados:

[...] cuando llegué, no había muchas citas para nosotros los haitianos. [...] cuando llegamos aquí queremos nuestros documentos, porque salimos de nuestro país, no venimos a robar, ni a robar, salimos a trabajar. Para buscar un futuro. Entonces espero que esto mejore [...] No hay organización para nosotros [...] hay Bolsa Familia para los venezolanos (Imigrante haitiana residente em Boa Vista-RR).

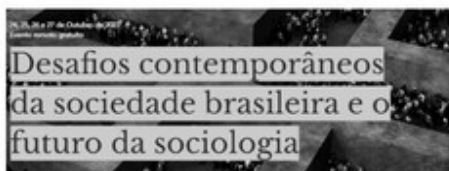
Zulema também observa a diferença entre nacionalidades quando analisa a governança das migrações no Brasil:

Não sei se é porque a gente é minoria, mas percebo que, de certa forma, há prioridade para pessoas do Haiti, da Venezuela, mas isso não me incomoda, porque entendo que a situação deles é pior do que a nossa. Eles precisam de uma atenção diferenciada (Imigrante cubana residente em Belo Horizonte-MG).

Ausência ou ineficiência de políticas para imigrantes

A falta de apoio a migrantes e refugiados no País é mencionada pela maior parte dos interlocutores, reforçando as lacunas no acolhimento desses sujeitos à sociedade brasileira:

Llegamos con mucha necesidad, en estado de vulnerabilidad (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).



Imigrante e refugiado não tem uma assistência bacana, tem país que dá mais apoio financeiro para esse pessoal, aqui não (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

Deveria de tener mais entrada econômica para poder abarcar (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Poderia ser uma atenção um pouco mais personalizada para que as pessoas realmente pudessem ter uma inserção laboral. E também eu acho que uma coisa muito importante... Por exemplo, eu estou vivendo uma situação de minha filha que tem muita depressão. Ela agora foi com a irmã para Boa Vista. Então é difícil para a gente e eu acho que podia ter um acompanhamento nesse sentido (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Minha vida ta muito difícil com meu marido sem trabalho, tem que pagar aluguel e ta tudo muito caro. Na casa que a gente mora a caixa estourou, molhou a casa toda e a gente teve nova ameaça. Tudo é pressão e ameaça (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

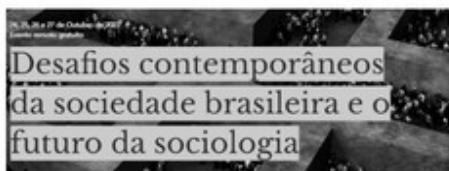
Bueno, lo más difícil es cuando estábamos en Manaos y estábamos trabajando en la calle, vendiendo chupe, y el idioma, nadie entendía, era difícil (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

[...] mi sueño [...] es comenzar a estudiar, ejercer la abogacía, pero como no hay nadie aquí en Boa Vista, quería Boa Vista, pero primero quería encontrar uno trabajo para mí para mantenerme y para mantener a mi familia. Como soy el primera niña, ayudar a mi mamá aquí con mi hermanita. Ella es comerciante y vende en la calle y ya sabes cómo es. En la calle no hay nada, gana 20, 30 reales al día, y estamos pagando un alquiler de 200 reales, entonces es difícil pagar el agua, la luz, esas cosas. Quería conseguir un trabajo antes de viajar a la seguridad de mi mamá y mi hermanita, para poder irme de aquí e ir a estudiar. Bueno, eso es lo que quiero. Quiero tener un trabajo. Entonces puedo estudiar e ir a trabajar. Este es mi sueño (Luna — haitiana residente em Boa Vista-RR).

[...] la imposibilidad de estudiar. Como inmigrante, con residencia, no hay posibilidades. Solo en excepciones. Y la importancia de que cualquier acuerdo sea modificado internamente en este país para que nos puedan aceptar [...] necesito una universidad. En mi caso, mi documentación para ingresar a la universidad no está regularizada (Imigrante venezuelana residente em Porto Alegre-RS).

Estudo e revalidação de diploma

A dificuldade para revalidar o diploma é outro problema mencionado pelos interlocutores. O processo não é simples; pelo contrário, é bastante burocrático. Ele



requer tempo e informação — recursos que, muitas vezes, não são acessíveis aos sujeitos da pesquisa. Esses obstáculos encontrados por migrantes com curso superior completo e que não conseguiram revalidar seu diploma no Brasil geram impedimentos laborais que, por sua vez, se revelam abusos e violências para com a sua atuação profissional.

Tenho muita coisa para conseguir ainda, como revalidar meu diploma de médica ((Imigrante cubana residente em Belo Horizonte-MG).

Pandemia e crise humanitária

Agravando as mais diversas faces de vulnerabilidades apresentadas, o contexto pandêmico se impõe, afetando fortemente imigrantes e refugiados em todo o mundo. No Brasil, a pandemia e a imposição do isolamento social para contenção do avanço da doença reforçam a hos(til)pitalidade, em especial no caso da renovação de processos de documentação e regularização migratória, conforme relatos:

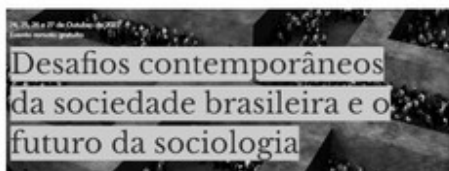
Eu segui os passos que a ACNUR dá para nós: "Se você tem o refúgio vencido, você tem que procurar entrar no link, cadastrar-se, pegar a cita...". Mas o que demorou, porque eu estava com os documentos há quase um ano vencidos, foi pela pandemia. O atraso foi pela pandemia (Imigrante cubano residente em Belo Horizonte-MG).

Por la pandemia, aquí en Boa Vista están documentando solamente las personas que están en los refugios, así que no tengo esa posibilidad. Para poder renovar sus documentos, tengo que esperar (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Para renovar foi mais difícil e lento, por causa da pandemia (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

La pandemia atrasa la renovación (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

Soma-se, ainda, a exacerbação de manifestações xenorracistas e o agravamento das muitas vulnerabilidades inerentes à vida migrante e refugiada —



desemprego, dificuldades financeiras, insegurança alimentar, depressão —, ampliando as desigualdades e dificultando ainda mais o cotidiano desses sujeitos no País:

La crisis agrava nuestra situación, migrantes y refugiados (Imigrante venezuelana residente em Porto Alegre-RS).

Con la pandemia, todos estamos sin trabajo aquí en casa difícil (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Com esse vírus, falta oportunidade de emprego (Imigrante haitiano residente em Porto Alegre-RS).

Economia, sem serviço, as contas por pagar, muitos problemas (Imigrante cubano residente em Belo Horizonte-MG).

Fiquei sem trabalhar e atrapalhou tudo. Meus filhos não conseguem ir na escola, tem que estudar online. Eu não tenho dinheiro para comprar computador e eles ficam sem estudar (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

La pandemia hizo que todo fuera más caro y más difícil encontrar trabajo. Todo se puso más difícil (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

[...] la crisis atrapa. Necesito... Um emprego (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

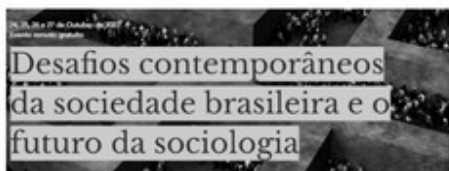
Eu fiquei durante a pandemia desempregado e o serviço que eu achei o salário não ta satisfatório para o custo de vida aqui no Brasil. Não tive outra opção e faço esses serviços (Imigrante haitiano residente em Belo Horizonte-MG).

Eu não acho trabalho por causa da pandemia. Meu marido também não está trabalhando (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

[Na pandemia, há] muita incerteza, muitas dúvidas, e também a questão econômica está sendo muito difícil aqui no Brasil. Inflação e tudo. Insuportável! (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

A gente tem que ficar com máscara, tem medo dos outros. É muito ruim. E está tudo muito caro, não dá para comprar nada . (Imigrante haitiana residente em Belo Horizonte-MG).

Mi vida tuvo mucho impacto porque muchas personas que conocíamos murieron. Emocionalmente, estaba muy triste, muy insegura (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).



La pandemia es difícil para todos. Muy difícil para los migrantes (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

Que quero que esse pesadelo acabe logo (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

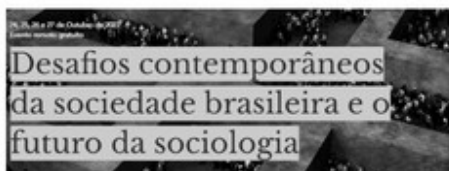
Todo se volvió más difícil con la pandemia (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Conclusões

As análises de entrevistas qualitativas realizadas com migrantes internacionais e refugiados no Brasil possibilitaram apreender a condição da hospitalidade marcada pela ambivalência hospitalidade-hostilidade no Brasil. Mesmo vencida muitas barreiras para a permanência de migrantes e refugiados na sociedade receptora — em especial, com a documentação —, esta ambivalência se manifesta nas fronteiras que permanecem ante o outro, nas relações assimétricas das interações sociais estabelecidas, na limitada abertura para o outro, nas muitas restrições ao direito de ser bem-vindo.

A hos(til)pitalidade brasileira, tomando o conceito de Jacques Derrida, se expressa nos relatos dos participantes da pesquisa. A hospitalidade incondicional como aponta o autor implica em “abrir as portas a cada um e a cada uma, a todo e a qualquer outro, a todo o recém-chegado, sem perguntas, mesmo sem identificação, de onde quer que ele viesse e fosse ele quem fosse” (DERRIDA, 2001, p. 47) e, ainda, “[...] sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 25). Estaríamos, desta forma, alcançando o desejo desses sujeitos, tão bem expressados neste depoimento

Como eu disse, preciso de inclusão social, articulação, encontro com outros migrantes, de me sentir integrado realmente e poder expressar minha cultura [...] acho que podem investir mais em tentar colocar o migrante em outro lugar social, articulá-los, colaborando com o processo de outras pessoas que



estão tentando se integrar ao país. Colocando o migrante no centro, empoderando-o (Imigrante venezuelano residente em Belo Horizonte-MG).

Ao contrário disso, porém, observa-se uma acolhida muito distante do ideal. Ela deveria se embasar no reconhecimento e na acolhida de migrantes, mas sua realidade revela-se permeada pela imposição da assimilação; por relações assimétricas nas interações sociais; pela restrição de direitos; pela insuficiência e imprecisão das informações fornecidas; pelas dificuldades com a regularização migratória; pelo xenorracismo — que se apresenta nas mais variadas formas —; pelas diferenças de tratamento entre distintas nacionalidades; pela ausência ou ineficiência de políticas para imigrantes; pelas dificuldades de acesso à retomada de estudos e à revalidação de diplomas; entre muitas outras barreiras. Agravando esse rol de dificuldades, a pandemia de COVID-19 se revela determinante ao aprofundar vulnerabilidades e desigualdades no que toca aos mais variados aspectos da vida dos participantes da pesquisa.

Apesar de a hos(til)pitalidade marcar a recepção de migrantes internacionais no Brasil, os participantes da pesquisa demonstraram desejo de permanecerem no País, mesmo quando relativizam sua satisfação:

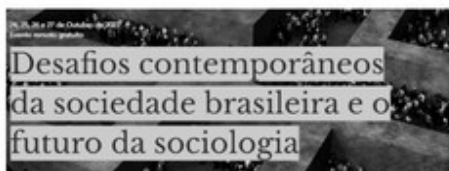
Para uma pessoa que está em outro país, acho que é uma coisa para agradecer sim (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Sim [quero permanecer vivendo no Brasil]. Até a morte (risos) (Imigrante cubano residente em Belo Horizonte-MG).

Eu vou ficando aqui. Não vou voltar para a Venezuela não. [...] Estou satisfeita porque se você fizer uma comparação com a situação de quando eu morava na Venezuela, a situação que eu estou agora é mucho melhor (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Sim! Feliz demais porque Deus me ajuda, saúde primeiro, depois trabalho para ajudar parente no Haiti (Imigrante haitiano residente em Belo Horizonte-MG).

Siento que dejé mi país de origen y estoy logrando el éxito aquí en este destino. Estamos mejorando, alcanzando nuestros sueños, todo, gracias a Dios (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).



Eu tô aqui e com esperança que dê certo (Imigrante ganês residente em Porto Alegre-RS).

Me siento bien con mi familia aquí. Tengo que agradecer a este país por todo apoio que estan brindando a nosotros (Imigrante venezuelana residente em Porto Alegre-RS).

Mi vida está buena porque tengo salud, mis hijas tenem salud, sentimomos protegidas, seguras aqui en Brasil. Estamos felizes (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

Quero [continuar a] morar aqui. Me sinto brasileira (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Mi vida es buena, estoy feliz de estar en Brasil (Imigrante venezuelana residente em Belo Horizonte-MG).

[...] no tenemos planes de regresar (Imigrante venezuelano residente em Manaus-AM).

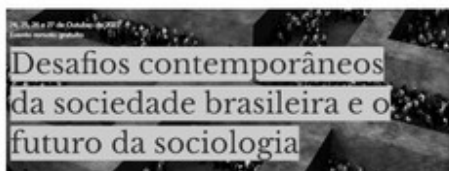
[...] eu tenho essa intenção [de permanecer vivendo no Brasil], porque, em Venezuela, por agora, não vejo futuro lá (Imigrante venezuelana residente em Manaus-AM).

Quiero quedarme aquí, quiero quedarme (Imigrante venezuelana residente em Porto Alegre-RS).

Estoy muy satisfecho, gracias al Señor (Imigrante venezuelana residente em Boa Vista-RR).

Relações com a temática do GT

O presente estudo, ao se debruçar sobre a acolhida de migrantes internacionais e refugiados no Brasil, dialoga com a proposta do GT 5, que tem como objetivo refletir sobre “este novo, diverso e complexo contexto migratório” contemporâneo. Mesmo vencidas muitas barreiras para a permanência desses sujeitos — em especial, com a documentação —, a ambivalência hospitalidade-hostilidade segue regendo sua vivência no País e se manifesta nas fronteiras que permanecem ante cada um deles, nas relações assimétricas das interações sociais estabelecidas, na limitada abertura que encontram, nas muitas restrições ao direito de ser bem-vindo. Com tantas lacunas, a hospitalidade brasileira não se revela cidadania para migrantes e refugiados no País. Ela



acontece de forma incompleta, apesar da atuação de ONGs que sustentam, muitas vezes, a permanência desses sujeitos no Brasil. Porém, quando eles escapam dessa tutela, veem-se descobertos de benefícios e (ainda mais) distantes de direitos.

Referências

AMARAL, Ana Paula Martins; BAÍS, Mayara da Costa; SILVA, Eduardo Soares. Autorização de residência prevista para vítimas o trabalho escravo na Lei de Migração: um estudo a partir da perspectiva dos imigrantes bolivianos. In: RAMOS, A. C.; VEDOVATO, L. R.; BAENINGER, R. (coord.). **Nova Lei de Migração: os três primeiros anos**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp; Observatório das Migrações em São Paulo/FADISP, 2020. p. 305-323.

BASTOS, Sênia *et al.* O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, XIII Seminário Anual, 2016, São Paulo, Brasil. **Anais...** Brasil: ANPTUR, 2016.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Da hospitalidade** (A. Romane, Trad.). São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!**. Coimbra: Minerva, 2001.

FEKETE, Liz. The emergence of xeno-racism. **Race & Class**, US, v. 43, n. 2, p. 23-40, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0306396801432003>.

OLIVEIRA, Leila Maria. **Imigrantes, xenofobia e racismo: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo**. 2019. 228f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

SIVANANDAN, Ambalavaner. Refugees from globalism. **Race & Class**, US, v. 42, n. 3, p. 87-100, 2001.